

# DINÂMICA DE PRODUÇÃO HORTÍCOLA E OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES NA GRANJA DE PESSUBÉ / GUINÉ-BISSAU<sup>1</sup>

Anisia Nima N'Ghabo<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender a dinâmica de produção hortícola praticada pelas mulheres na Granja de Pessubé/Guiné-Bissau. A participação das mulheres no trabalho de agricultura familiar, em particular na atividade hortícola naquele país, é uma questão que merece uma atenção especial. Visto que é uma atividade na qual elas garantem sustento ao grupo familiar. E as mulheres horticultoras de Granja de Pessubé não fogem dessa realidade, uma vez que têm este trabalho como principal meio de garantir o bem-estar da família. Este trabalho é composto por quatro (4) principais tópicos que serão desenvolvidos ao longo do texto, no qual analisaremos o sistema de produção hortícola no seio de povo mancanha; a questão sobre divisão sexual de trabalho na produção hortícola na Granja de Pessubé; o papel das mulheres horticultoras no sustento das famílias e na educação dos filhos; e as principais dificuldades enfrentadas pelas trabalhadoras de Granja de Pessubé na produção e comercialização de seus produtos. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se assenta numa abordagem qualitativa de caráter exploratório, com a elaboração de questionário semiestruturado, e foi aplicada em quatro trabalhadoras de campo de Granja de Pessubé, e uma de campo de Safim, em Junho de 2021.

**Palavras-chave:** discriminação no emprego - Granja do Pessubé (Guiné-Bissau); mulheres do campo - Granja do Pessubé (Guiné-Bissau) - aspectos sociais; mulheres no desenvolvimento econômico - Granja do Pessubé (Guiné-Bissau).

## ABSTRACT

This article aims to understand the horticultural dynamics practiced by women in Granja de Pessubé/Guinea-Bissau. The participation of women in family farming work, particularly in horticultural activity in that country, is an issue that deserves special attention. Since it is an activity in which they guarantee sustenance to the family group. And the women horticulturists of Granja de Pessubé do not escape this reality, since this work is their main means of guaranteeing the well-being of the family. This work is composed of four (4) main ones that will be presented throughout the text, in which we will analyze the horticultural production system within the Mancaha people; the issue of sexual division of labor in horticultural production at Granja de Pessubé; the role of women gardeners in supporting families and in the socioeconomic development of the country; and the main difficulties faced by workers at Granja de Pessubé in the production and marketing of their products. From a methodological point of view, the research is based on a qualitative approach of an exploratory nature, with the elaboration of a semi-structured elaboration, and was applied to four field workers from Granja de Pessubé, and one from the field of Safim, in June 2021.

**Keywords:** employment discrimination - Granja do Pessubé (Guinea-Bissau); rural women - Granja do Pessubé (Guinea-Bissau) - social aspects; women in economic development - Granja do Pessubé (Guinea-Bissau).

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Dourado Bueno.

<sup>2</sup> Bacharela em Humanidades e licencianda em Ciências Sociais pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo compreender a dinâmica de produção hortícola praticada pelas mulheres na Granja de Pessubé - Guiné-Bissau e as dificuldades que elas enfrentam nesse processo produtivo. As mulheres sempre desempenharam um importante papel no que concerne à atividade agrícola, sobretudo no trabalho da horticultura, isto é, desde o cultivo até a comercialização dos produtos, assim contribuindo para assegurar a alimentação dos agregados familiares. Vale ressaltar que, muitas dessas mulheres são mães solo que trabalham não só para sustentar a família, como também para custear os estudos dos filhos, além de dinamizar a economia nacional.

De acordo com Ramos (2014), a agricultura familiar é praticada por povos desde antiguidade. Visto que, as famílias se apropriam dos espaços aos seus arredores para plantar os alimentos que servem como fonte de sua subsistência. No entanto, a prática dessa atividade pode variar de acordo com o país, também com cada realidade cultural, e com o período histórico.

Diante do exposto, o foco deste trabalho se centra na agricultura familiar, com ênfase na produção hortícola praticada pelas mulheres guineenses. O trabalho é composto por quatro (4) principais tópicos que serão desenvolvidos ao longo do texto, como: Análise do sistema de produção hortícola entre o povo Mancanha; A divisão sexual de trabalho na produção hortícola na Granja de Pessubé; O papel das mulheres horticuloras no sustento das famílias e na educação dos filhos; e as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres horticuloras da Granja de Pessubé na produção e comercialização de seus produtos.

As informações embasadas neste artigo resultam de um lado, dos levantamentos bibliográficos através de livros, artigos, monografias, dissertações e blogs. De outro, a minha experiência como filha de uma mãe horticulora e das entrevistas realizadas em junho de 2021 com estas produtoras guineenses que trabalham no campo de Granja de Pessubé.

Embora a pesquisa tenha sido realizada num momento de muita turbulência por conta de covid-19 e não só, mas também por conta da distância e das dificuldades financeiras, que agrava ainda mais a possibilidade de acessar o campo para realização presencial da pesquisa, no entanto, encontramos a outra forma de aplicação das entrevistas. Mas antes disso, elaboramos um questionário na língua portuguesa e crioulo guineense, no qual aplicamos a segunda para as entrevistas como forma de atingir a melhor compreensão de todas.

O método adotado foi à abordagem qualitativa de caráter exploratória. Elaboramos dezoito (18) perguntas de uma forma semiestruturada e foi aplicada em cada uma dessas trabalhadoras através de comunicação verbal. E os informantes foram registradas com os nomes próprios. As entrevistas foram gravadas em crioulo num aparelho gravador, e depois foram transcritas para português. E essa parte do trabalho contou com a colaboração de uma pessoa (colega da universidade, Unilab), que na ocasião da entrevista se encontrava na Guiné-Bissau.

Contudo não foi fácil conseguir informações necessárias, principalmente com as trabalhadoras de Granja de Pessubé, uma vez que muitas delas recusam dar entrevistas, e algumas alegam a falta de tempo, como conta o entrevistador. Ele conseguiu entrevistar apenas quatro (4) mulheres trabalhadoras da etnia mancanha, no campo de Granja de Pessubé, no mês de junho de 2021. A entrevista foi realizada de forma individual, e cada uma no seu local de trabalho. E a outra foi feita por mim no mesmo período, porém com uma trabalhadora de campo de Safim<sup>3</sup>, que no momento da entrevista se encontrava no município de São Francisco do Conde/BA. É de salientar que, as dificuldades de conseguir acessar as informações necessárias para esta pesquisa é devido ao período que as entrevistas foram realizadas, pois geralmente muitas destas trabalhadoras começam a abandonar o espaço por conta do período chuvoso.

Tanto no continente africano como em vários países do mundo, a agricultura constitui um dos meios de sobrevivência de muitas famílias. Conforme os dados da FAO, 80% das terras em África são ocupadas pelos pequenos agricultores para suas produções alimentares. E esses trabalhos são realizados pelos próprios membros familiares (FAO, 2011). Ainda, 80% dessas atividades contam com presenças femininas, cuja maioria delas é responsável pela produção de cerca de 50% de alimentos para agregados familiares. Considerando ainda que esses produtos são fundamentais na garantia de segurança alimentar de muitas famílias, segundo dados de RUSIC, O Projeto do Milênio da ONU.

Este caso se torna mais evidente na Guiné-Bissau, onde a maioria da população tem essa atividade agrícola como meio de sobrevivência. Ainda dentro desse setor podemos destacar a horticultura como um dos ramos de agricultura, atividade essa desenvolvida majoritariamente pelas mulheres que contribui bastante no sustento de muitas famílias, no abastecimento do mercado, quiçá para a movimentação da economia do país (SANTOS, et al, 2017, p.76). De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE-

---

<sup>3</sup> Campo de Safim, essa trabalhadora entrevistada se trata da mãe de uma estudante da Unilab/Campus dos Malês, que estava na cidade de São Francisco do Conde/BA, para visitar a filha.

GB)<sup>4</sup>(2014), 70% da população tem agricultura como meio de sobrevivência. Assim sendo, a prática de agricultura familiar é vista como motor para o crescimento econômico do país.

O território hoje referido como República da Guiné-Bissau é um país africano situado na costa ocidental de África, limita-se ao norte com o Senegal, ao sul e ao leste com Guiné-Conakry e é banhado pelo Oceano Atlântico em toda a sua extensão Ocidental. Segundo os dados divulgados no site de Gabinete Integrado das Nações Unidas para a Consolidação da Paz na Guiné-Bissau (UNIOGBIS) <sup>5</sup>sobre o último censo, 2009, o país tem uma superfície de 36.125 km<sup>2</sup> com uma população de 1 449 230 habitantes dos quais 51,6 % são mulheres. E levando em conta o crescimento da população esses últimos anos, atualmente, o número da População é estimado de 1.700.000, (Relatório de Desenvolvimento Mundial). Os dados ainda mostram que, o país conta com diversidades étnicas no qual estão divididas de seguinte forma: Balanta (24,7%), Fula (25,4%), Mandingo (13,7%), Manjaca (9,3%), papel (9%), e Biracial caucasianos (menos de 1%). Cada grupo com os seus territórios localizados em diferentes partes do país e com os seus hábitos e costumes.

Além de parte continental o território guineense conta ainda com o arquipélago dos Bijagós e mais de 80 ilhas, na sua maioria desabitada, de vegetação tropical densa, separadas do continente por diversos canais. Este território sofreu a ocupação e dominação portuguesa, sendo um dos primeiros nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) a se tornar independente – sua independência foi declarada em 1973 e reconhecida em 1974. A Guiné tem como capital a cidade de Bissau, com 300 mil habitantes, que concentra grande parte da economia não agrícola do país (AUGEL, 2007).

Grande parte de trabalho hortícola na Guiné-Bissau é realizada no campo de Granja de Pessubé pelas mulheres de diferentes etnias. O espaço fica localizado na capital Bissau, (espaço que recebeu o nome por conta da presença da própria Granja de Pessubé naquela zona), nos arredores dos bairros de Missira, Sintra, Amidala, Luanda e Reno. Vale dizer que a Granja de Pessubé é um espaço grande com cerca de 400 hectares, verde e úmido, que agregava infraestrutura de grande qualidade, talvez por essas razões que Amílcar Lopes Cabral<sup>6</sup> enquanto agrônomo recém-formado e com objetivo de mudar o modelo colonial até então existente nesse espaço, assim que chegou o território de Guiné Bissau no ano 1962 pretendia:

---

<sup>4</sup> Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau.

<sup>5</sup> [https://uniogbis.unmissions.org/pt/perfil-do-pais#:~:text=Situada%20na%20África%20Ocidental%2C%20a.População%20e%20Habitação%20de%202009\).](https://uniogbis.unmissions.org/pt/perfil-do-pais#:~:text=Situada%20na%20África%20Ocidental%2C%20a.População%20e%20Habitação%20de%202009).)

<sup>6</sup> Amílcar Lopes Cabral é considerado como o Pai da nação Guineense porque desempenhou um papel muito importante na luta de libertação de Guiné-Bissau. Foi ele quem liderou o PAIGC, que é o partido africano para independência de Guiné e Cabo Verde durante a época colonial portuguesa.

Transformar a Granja de mera unidade de produção de legumes destinados às autoridades políticas e administrativas coloniais da praça e num local de piqueniques e passeios recreativos, num centro de pesquisa agrícola, enquanto instrumento para melhorar e modernizar a produção dos agricultores (SCHWARZ, 2012, s/p).

Hoje, a grande parte de Granja de Pessubé é destinada para produção hortícola das mulheres de diferentes etnias. De acordo com as falas de algumas mulheres trabalhadoras deste campo, nas entrevistas realizadas em Junho de 2021, a Granja de Pessubé está dividida em duas partes, uma zona que é denominada de Pessubé I e outra que é Pessubé II.

De acordo com a fala de dona Adelina, os dois lugares estão separados pelos nomes Pessubé I e Pessubé II, porém ambos tinham uma única associação. Os materiais para trabalho hortícola doado por algumas ONGs eram distribuídos para todas as mulheres trabalhadoras de Granja de Pessubé. No entanto, chegou um dado momento em que o grupo Pessubé II começou a queixar a falta de materiais, por isso decidiu-se separar de Pessubé I, e criaram uma associação denominada de “Ajuda mútua e luta contra fome”, como conta dona Adelina. Atualmente, esta associação amadrinha três associações que são: Chada, Manuel água e Ponta Rosa. (Entrevista concedida pela dona Adelina, Granja de Pessubé/Bissau, Junho de 2021).

Nas outras falas destas trabalhadoras entrevistadas, a dona Victória e dona Quinta trouxeram outro argumento afirmando que as pessoas chamam Campo de diferentes nomes, como: Granja de Pessubé, Plinto, Canal, zona verde, mas o mais conhecido e oficialmente reconhecido pelo Estado é o chamado campo de Granja de Pessubé.

## **2 O SISTEMA DE PRODUÇÃO HORTÍCOLA E O POVO MANCANHA**

Em cada sociedade existe uma prática dominada por certo grupo, no caso da sociedade bissau guineense, isso não é diferente. Uma vez que cada grupo étnico é considerado dominador de certa área ou prática. Isso pode ser explicado não só pela questão histórica, mas também pela distribuição geográfica e, sobretudo, pelas práticas tradicionais ligadas a cada grupo étnico.

Neste caso, os Balantas, os Manjacos, as Montanhas e os Papéis encontram-se predominantemente nas zonas costeiras e dedicam-se ao cultivo de arroz nas bolanhas<sup>7</sup>. Os Papéis são os grandes produtores de caju, considerado uma das maiores fontes da economia nacional. Por sua vez, as Fulas são bastante ligadas ao comércio e à criação de animais. Os

---

<sup>7</sup> Bolanha trata-se do espaço onde se cultiva o arroz.

Bijagós são considerados pescadores por excelência, já os Mandingas trabalham principalmente no comércio e na agricultura (BENZINHO; ROSA, 2015).

A autora Domingues faz uma chamada de atenção importante no que se refere à questão de atribuir a determinados grupos, seja étnico, religiosos e, sobretudo o gênero, de dominar ou controlar determinado tipo de atividade no setor econômico. Segundo ela,

A predominância de certos grupos sociais em determinadas atividades é deste modo devedora de vantagens competitivas no acesso aos recursos necessários para o êxito das diversas atividades, e não de uma divisão rígida e normativa das atividades pelos grupos sociais (DOMINGUES 2000, P. 305).

A autora traz o exemplo do caso das mulheres da etnia Mancanha. Embora seja considerado protagonista na produção e comercialização dos produtos hortícolas, porém, esse fato tem a ver com as circunstâncias históricas. A migração de campo para cidade, concretamente a zona periférica de Bissau, permitia-lhes introduzir as práticas hortícolas durante o tempo em que esse território não era ainda habitado por outros grupos, como mostra a autora.

Domingues (2000) mostra ainda que a horticultura praticada pelas mulheres guineenses, principalmente as da etnia mancanha vem das longas gerações, ainda sim, hoje, a prática permanece no seio deste povo. Podemos constatar isso na fala de uma das mulheres horticultoras da Granja de Pessubé, a dona Victória argumenta, “aqui é o lugar que nós mancanhas trabalhamos muito, mas também tem outras etnias noutros lugares. Onde predomina uma etnia, elas que trabalham mais”. (Entrevista concedida pela dona Vitória, Granja de Pessubé/Bissau, Junho de 2021).

O trabalho hortícola na Guiné-Bissau, além de ser uma atividade que conta com muitas mãos femininas, muitas delas o herdaram da tradição familiar, principalmente da própria mãe, como mostra a dona Victória.

Minha mãe fazia esse trabalho, quando eu nasci a vi fazendo isso. Nasci nesse trabalho através da minha mãe, e quando eu cresci, cresci nele. Acabei me acostumando, pois cresci nele. Não faço nenhum outro trabalho a não ser esse trabalho de horta. (Entrevista concedida pela dona Victória, Granja de Pessubé/Bissau, Junho de 2021).

Da mesma forma, podemos constatar isso na fala de uma das trabalhadoras de campo de Safim, a dona Maria, ela vai afirmar que,

Eu trabalhava com a minha mãe desde adolescente. Era este o trabalho da minha mãe e, quando ela faleceu, dei continuidade no lugar. Este é o meu gabinete. Aqui que consigo comida, roupas, e educação dos meus filhos/as e resolver outros problemas. (Entrevista concedida pela dona Maria, Safim, Junho de 2021).

E sobre espaço que as mulheres cultivam, é importante salientar que as autoras Domingues (2000) e Bolonha (2013) reconhecem a importância da participação feminina na agricultura, especialmente na atividade hortícola, mas quando se trata da posse das terras, as mulheres ainda não têm uma autonomia sobre os lugares que cultivam. Uma vez que, no sistema patriarcal em muitas sociedades, particularmente na sociedade guineense, os homens é que detêm a posse das terras, as mulheres só têm acesso às terras através dos seus maridos, onde juntos trabalham, mas no caso de divórcio ou morte do marido, elas perdem o direito de posse à terra.

Todavia, no contexto das mulheres trabalhadoras de Granja de Pessubé, como já foi mencionado anteriormente pela dona Adelina e dona Victória, conseguiram o espaço através de ação do Estado de Guiné-Bissau em colaboração com a FAO, uma das agências das Nações Unidas, a que lidera esforços para a erradicação da fome e combate à pobreza, no qual foi criada uma política de distribuição das terras para as mulheres trabalharem de uma forma independente nas produções dos produtos hortícolas. E, essas repartições foram feitas para mulheres de quase todos os bairros da capital Bissau.

Diferente de dona Adelina e Dona Victória, a dona Quinta vai dizer que, depois da luta de libertação nacional, a Granja se encontrava abandonada, nessa altura surgiu a ideia por parte de algumas mulheres de utilizar o espaço para as suas produções hortícolas. Nesta ocasião, algumas mulheres se dirigiram ao Ministério de Agricultura a fim de pedir o espaço e, devido à importância da boa iniciativa, foram concedidos alguns espaços para seus trabalhos hortícolas. Com apoio do governo na altura, começaram a cultivá-lo, e com o tempo foi se integrando mais mulheres assim, ampliando cada vez mais o espaço, onde elas até hoje cultivam produtos como alface, repolho, couve, tomate, milho, quiabo, salsa, coentro, entre outras hortaliças.

### **3 A DIVISÃO SEXUAL DE TRABALHO NA PRODUÇÃO HORTÍCOLA NA GRANJA DE PESSUBÉ**

A questão sobre o gênero, e da divisão sexual do trabalho explica de certa forma, como certas tarefas são atribuídas às mulheres em relação aos homens. De acordo com Kergoat (2013), a divisão sexual de trabalho tem dois princípios que os rege: o primeiro é o da separação, onde o trabalho das mulheres é separado daquele realizado por homens; e o segundo é de hierarquização, uma vez que o trabalho realizado pelos homens pesa mais do que das mulheres. Ou seja, os homens são colocados como os produtores e as mulheres como as detentoras das esferas reprodutivas.

Ainda, esse fato pode explicar a forma como o sistema patriarcal existente em várias sociedades, principalmente a sociedade bissau guineense se colocava, ou ainda de certa forma coloca as mulheres numa posição de inferioridade em relação aos homens, assim limitando-as de frequentar os lugares públicos como, por exemplo, ter acesso a escola, ter um trabalho bem remunerado, ao invés de tomar conta do lar cuidando dos maridos, dos filhos, ou até cuidar da casa dos pais.

Podemos ver isso no caso da dona Quinta, que na sua fala conta que tinha que abandonar a escola muito cedo para cuidar do pai e dos irmãos, enquanto eles estudavam. “Quando eu era mais nova, sim, mas agora não sei de nada, pois abandonei cedo. Como meu pai não tinha esposa, eu que vendia limão e comprava arroz para preparar comida, por isso abandonei a escola muito cedo”. (Entrevista concedida pela dona Quinta, Granja de Pessubé/Bissau, Junho de 2021).

Contudo o debate sobre o lugar da mulher no mercado de trabalho assim como suas participações na esfera política tem sido assunto de constantes debates em muitas sociedades, em particular a sociedade bissau-guineense. Hoje, se vê que apesar de tantas marginalizações, as mulheres desempenham um papel social mais ativo em relação aos tempos passados na Guiné-Bissau. Segundo o "Relatório nacional sobre a aplicação/ implementação da declaração e do plano de ação de beijing"<sup>8</sup>, as mulheres têm contribuído bastante para o crescimento económico, através das ações na agricultura, pecuária, pesca e principalmente na horticultura.

Contudo a maior parte da produção hortícola é realizada pelas mulheres, porém isso não implica total ausência da presença masculina neste espaço. Uma vez que algumas mulheres contam com a presença dos maridos, dos filhos e das pessoas vindo de diferentes

---

<sup>8</sup> Beijing é o nome dado a um relatório nacional de ação das mulheres na esfera política, social e econômica.

lugares, porém trabalhando como ajudantes. O motivo de se ver pouca presença masculina ocupando este espaço como responsáveis, segundo relatos de maioria das entrevistadas, é porque os homens não se enxergam nesse espaço. Ou seja, na Guiné-Bissau, o trabalho hortícola ainda é visto como feminino, ou das pessoas que não têm um nível acadêmico elevado. Como conta a dona Maria,

Eles sentem vergonha, acham que por serem homens não podem fazer esse tipo de trabalho, será que só as mulheres que têm que trabalhar na horta? Eles são mal-educados. Dizem que não vão trabalhar na horta porque é trabalho das mulheres, não de homens. (Entrevista concedida pela dona Maria, São Francisco do Conde/BA Junho de 2021).

Ainda quanto a esse caso, a dona Fina também vai dizer que, são os homens guineenses que não gostam de trabalhar na horta, pois na sociedade senegalesa, os homens são os principais protagonistas na atividade hortícola. Ela acrescenta:

Mas os homens não gostam de trabalhar, porque se gostassem, iam conseguir espaço aqui. Porque os homens mesmo se as suas mulheres trabalham, e eles mesmos sabendo que aqui que sai sustento, eles não aceitam ajudar no trabalho. Não ajudam porque, muitas mulheres têm marido, não são como eu, mas muitos deles não trabalham e não ajudam a esposa no trabalho da horta. Mesmo sabendo que o fogão pode apagar (ficar sem ter o que comer). Só homens Guineenses não gostam de trabalhar. Porque no Senegal, são os homens que fazem este trabalho. (Entrevista concedida pela dona Fina, Granja de Pessubé/Bissau, Junho de 2021).

Diante desse cenário, é importante frisar que os homens se envolvem muito pouco no trabalho de horticultura, principalmente na sociedade bissau guineense. Todavia, quando os homens se engajam mais é por conta da falta de um emprego remunerado, como conta a dona Quinta, “Os que não têm trabalho vão de vez em quando ajudar as suas esposas, mas os que têm outro trabalho não ajudam na horta”. Este fato também está relacionado com a maneira como os homens foram socializados nesta sociedade.

Podemos perceber que, é uma realidade que vem de berço, uma vez que é perceptível essa atitude desde pequeno. As meninas são mais engajadas no trabalho da horta do que os meninos. Enquanto a maioria dos meninos desde pequeno fica em casa podendo praticar outras atividades como jogar a bola, e as meninas muito cedo são ensinadas a ter uma educação parecida com a da mãe, por isso são levadas para ajudar no trabalho da horta, na venda dos produtos no mercado e ainda, realizar o trabalho doméstico.

Diante do exposto, é importante ressaltar que a divisão sexual do trabalho não se limita só neste campo, mas se verifica em diversas áreas sociais. Embora quando se trata do

trabalho informal, as mulheres são enquadradas como atores principais neste ramo de atividade.

#### **4 O PAPEL DAS MULHERES HORTICULTORAS NO SUSTENTO DAS FAMÍLIAS E NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS**

A maioria das mulheres guineenses tem horticultura como meio de subsistência da família. Nesta ótica, este trabalho tem um impacto positivo na segurança alimentar de muitas famílias, e na sociedade em geral. De acordo com Domingues (2000), os homens estão mais ligados a práticas comerciais, e as mulheres dominam a cultura hortícola que geram rendimentos e que assegura sustento familiar. Ela ainda afirma que o motivo que obrigaram as mulheres a praticarem trabalhos informais como comércio de peixe e entre outras atividades para assegurar a economia doméstica, é devido à prática de casamento com homem mais velho, uma vez que, muitas delas acabam ficando viúvas muito cedo, ou por insuficiência do salário, ou desemprego do marido e também por algumas serem solteiras.

Baseando nessas informações, vale ressaltar que, os casos descritos anteriormente podem ser por conta da fragilidade política, econômica e social existente no país. Visto que, na tradição cultural de alguns grupos/etnias, as mulheres além de serem limitadas a exercerem muitas funções na sociedade guineense, também são obrigadas a se casarem muito cedo, principalmente as da zona rural. Isso pode implicar na questão, por exemplo, de tira-las a oportunidade de acesso a uma educação escolar básica, ou uma formação superior que talvez lhes garanta um trabalho bem remunerado.

Conforme autora Domingues (2000), a instabilidade política vigente no país, principalmente nos últimos anos, faz com que o número de desemprego aumentasse sobrecarregando ainda mais as camadas femininas, uma vez que a reforma estrutural vivenciada a partir da década 80, fez com que as mulheres passassem a desempenhar o papel que anteriormente era visto como masculino, isto é, elas se encarregam de investir mais na educação dos filhos e no sustento da família, principalmente a terem sua independência econômica. E este fato também é afirmado pelas mulheres agricultoras de granja de Pessubé.

Na sociedade bissau-guineense o arroz e o peixe são um dos alimentos considerados de extrema importância para o país, isso por serem considerados a base da alimentação diária da maioria da população. Os produtos hortícolas também constituem um dos elementos

indispensáveis para garantia de uma refeição equilibrada para dieta da população. Assim sendo, as mulheres horticultoras contribuem bastante no abastecimento do mercado com os produtos hortícolas locais, que além de ajudar numa alimentação saudável para muitos agregados familiares, também constitui a garantia de segurança alimentar no país.

Diante do exposto, podemos perceber que as mulheres têm sido consideradas pedra fundamental na sociedade Bissau-guineense, sobretudo, no que refere o setor informal que é a maior fonte de renda para o sustento da família.

## **5 AS PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS MULHERES HORTICULTORAS DA GRANJA DE PESSUBÉ NA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE SEUS PRODUTOS**

A produção hortícola na Guiné-Bissau é uma atividade desenvolvida maioritariamente por mulheres de diferentes regiões e cidades do país, como foi referido anteriormente. Conforme o jornal, “O Democrata”, na capital Bissau existem três campos hortícolas, designadamente: Campo de Granja de Pessubé, Campo de ‘Manel iagua – Manuel Água’ e o Campo de Bairro de ‘Achada – Achada’. Outro campo hortícola fica localizado na Ponta Rocha no setor de Safim, e nas algumas regiões, destaque para projeto hortícola Concó-Bai, (que significa na língua mandinga combater a fome), no setor de Bigene. Santos et al, (2017), realçam ainda o projeto “Kópóti pa cudji nô futuro”,<sup>9</sup> implementado pela ONG VIDA, desenvolvida no norte da Guiné-Bissau, na região de Cacheu, Setor de São Domingos, onde é possível identificar as 6 aldeias inseridas no projeto (Suzana, Bulol, Eossor, Djifunco, Elalab e Edjim). Em todos esses campos as mulheres buscam o sustento da família, a educação, a saúde e o bem-estar dos seus agregados familiares.

O campo de Granja de Pessubé constitui o nosso principal foco, por ser um dos primeiros e mais importantes do país. As mulheres desse campo trabalham na produção dos produtos hortícolas como: alface, couve, cenoura, quiabo, beterraba, jiló, coentro, salsa entre outras hortaliças. Segundo as informações levantadas com alguns trabalhadores desse campo, entre todos os campos referidos, o da Granja é o maior produtor de produtos hortícolas, quando se refere à capital Bissau. (Granja de Pessubé, Junho de 2021).

---

<sup>9</sup> Kópóti pa cudji nô futuro significa “cultivar para colher o nosso futuro”.

Considera-se que a Guiné-Bissau é um país africano, cujo ano conta com duas estações: chuvosa e seca. A primeira começa de Maio a Novembro, enquanto o segundo inicia de Novembro a Maio. Diante disso, a produção hortícola varia de acordo com a estação do ano.

As mulheres trabalhadoras de Granja de Péssubé iniciam seus trabalhos no mês de setembro e outubro, já com fraca frequência da chuva. Dessa forma, elas começam o preparo de terreno, e algumas já começam a colocar sementeiras de algumas plantas que conseguem resistir à chuva como: berinjela, repolho, jiló, pimenta. No mês de novembro inicia as vendas de alguns produtos. No mês de dezembro e janeiro intensificam as vendas, onde se pode encontrar grande quantidade dos produtos hortícolas em todos os mercados da capital. Enquanto isso, a partir de final de mês de fevereiro e início de março, abril, não se verifica o mesmo cenário. Visto que esse período é marcado por elevadas temperaturas, consequentemente a insuficiência de água nos poços para regar as plantas, e muitas acabam morrendo. Tudo isso provoca uma diminuição na produção e na comercialização dos produtos hortícolas.

Além disso, também é um período onde se inicia a campanha de comercialização de castanha de caju, principalmente no mês de Março, Abril e Maio. Sendo assim, algumas mulheres que têm suas hortas de caju, ou que vão trabalhar para outras pessoas acabam abandonando seus espaços para realizarem a campanha no interior do país, durante este período. No entanto, no período chuvoso que inicia no mês de maio, junho, julho e agosto que é mais intenso, a produção cai ainda mais. Uma vez que, nessa época muitas plantas não resistem grande quantidade de água, e acabam estragando.

Por isso, muitos espaços acabam sendo abandonados por muitas, exceto as pessoas que se situam num espaço mais estratégico, onde a água da chuva conseguiu escoar rapidamente, desta forma, conseguem colocar algumas plantas que resistem um pouco mais de chuva como, milho pepino, pimentinha. Mesmo assim é notável a baixa produção desses períodos. Enquanto isso, as pessoas que têm espaço localizado na zona baixa (*bolanha*), sofrem mais com a quantidade de água da chuva que chega a estragar todas as suas plantações.

Em razão disso, muitas delas acabam ficando em casa, ou procurando outra forma de sobrevivência como, por exemplo: comprar manga, fole, limão, carvão para revender e assegurar os seus sustentos, como explicam algumas dessas trabalhadoras.

Portanto, quando pensamos na questão sobre segurança alimentar no mundo, em particular no continente africano, o país como Guiné-Bissau, que ainda se verifica a

fragilidade na produção em vários setores, em particular o setor agrícola, a situação é muito preocupante. Uma vez que, o baixo nível de produtividade existente no país pode causar problemas de insegurança alimentar. Uma vez que, muitas pessoas não têm acesso a uma alimentação adequada.

Refletindo ainda sobre questão de segurança alimentar, autores como Muteia (2012), Bolonha (2013), argumentam que, pensar a questão de segurança alimentar propõe a questão para além de que deve existir alimento para todas as pessoas, mas também, todas devem ter acesso físico e econômico do mesmo para satisfazer as suas necessidades. No entanto, o aumento da produtividade agrícola seria um caminho viável para garantir uma alimentação adequada para todos.

Diante do exposto, podemos perceber que esse fato pode ser por conta da grande dificuldade que o país enfrenta em quase todos os setores. Visto que, a baixa produção e a escassez dos alimentos encontrados no mercado na época chuvosa, interferem de uma forma negativa na vida das mulheres horticultoras, conseqüentemente, na vida de maiorias das famílias guineenses. Embora a maioria destas pessoas dependem das produções hortícolas para suas sobrevivências, no entanto, o país não dispõe da produção hortícola em grande escala que consegue cobrir a necessidade de maioria da população. Portanto, esta situação não afeta só estas trabalhadoras, mas sim, a maioria da população, principalmente as que vivem na capital Bissau.

Vale ressaltar que, diferente de muitos países em que se verifica um grande investimento na área da horticultura para combater a insegurança alimenta, na Guiné-Bissau, a ausência da política pública principalmente para o setor hortícola pode explicar a carência dos alimentos no mercado no período chuvoso. Isso motiva muita das vezes as mulheres a procurarem esses produtos na vizinha República do Senegal, para abastecer os mercados, e, sobretudo para manter seus sustentos.

As mulheres embora sejam protagonistas nas produções hortícolas, no entanto, por falta de materiais mais eficiente que lhes facilitam nos aumentos das produtividades como por exemplo, o uso do trator que ajuda no preparo do solo, elas acabam realizando o trabalho de uma forma tradicional (produção manual), no qual aplicam mais as forças físicas e são muito desgastante. Portanto, esse e outros fatores podem afetar o alcance das produtividades em quantidade ainda maior que elas podiam produzir.

Por realizarem uma jornada diária intensa, na execução das suas tarefas, as mulheres de Granja de Pessubé queixam que os trabalhos de hortas são muitos pesados, como conta a

dona Maria, “é pesado sim, para carregar dois regadores e levar para regar, embora agora temos meninos (rapazes) que nós contratamos para nos ajudar”. Porém, isso não lhes impede de cumprir essa jornada de trabalho todos os dias, uma vez que é através dele que garantem todas as despesas familiares.

A jornada de trabalho das mulheres na Guiné-Bissau é muito longa. Para realizações das tarefas diárias, acordam cedo à procura das mercadorias. Muitas delas costumam levantar das 5h e às 5h30 da manhã, para ir trabalhar. E maioria das vezes, o trabalho é todos os dias da semana, exceto a doença ou visita familiar e a participação em cerimônia fúnebre, das oferendas aos seus antepassados e nas festas religiosas. Portanto, o trabalho das mulheres é muito desgastante, mas mesmo assim, são obrigadas a executar essas tarefas (DOMINGUES, 2000).

Da mesma forma, as mulheres trabalhadoras de granja de Pessubé também cumprem com uma jornada de trabalho que na maioria das vezes chega até 12 horas por dia. Embora seja um trabalho independente, porém, muitas delas acordam 06h00 ou 07h00 da manhã para ir trabalhar na horta, só voltam para casa às 18h00 ou 19h00, como podemos constatar nas falas de algumas trabalhadoras desse campo. Dona Adelina e dona Quinta contam que passam o dia todo trabalhando na horta, principalmente no período em que tiveram muitas demandas no trabalho. Enquanto isso, a dona Fina explica que,

Aqui não temos horário certo (acaliar). Aqui não tenho horário fixo. Antes eu ficava até mais tarde, mas agora que estou ficando mais cansada, trabalho até 14h e vou para casa. Se eu chego aqui às 7h e começo a trabalhar, até 14h vou para casa, e só volto amanhã. (Entrevista concedida pela dona Fina, Granja de Pessubé/Bissau, Junho de 2021).

Trabalhar na horta como afirmam todas as entrevistadas exige um grande esforço físico. Ainda mais, um trabalho realizado manualmente, desde revidar a terra, plantar, puxar água no poço com mais de dois metros para regar as plantas, tirar ervas daninha, enfrentar pragas nas plantas, utilizando simplesmente alguns utensílios para apoio, é um tremendo desgaste físico. Pois, de uma forma a outra acaba afetando a saúde física destas trabalhadoras, principalmente no momento de velhice. Mas por ser um trabalho que a maioria depende para assegurar o bem-estar da família, ele acabam aguentando mais do que devia, como mostra a dona Fina,

Só com a mão. Você tira água do poço. Tinham rapazes que nos ajudavam a tirar água no poço, e ervas daninha e eu os pegava para trabalhar, mas desde que as escolas não estão funcionando, não tem mais ninguém. Se você não puder se

sacrificar, vai ficar sentada em casa. Mas desde que não tiveram aulas todos foram, porque é aqui que alimentam os seus estudos. É muito cansativo, mas onde sai o sustento não se pode abandonar, porque se abandonar aqui e correr de canseira vai encontrar o pior, pois não vai ter quem te ajude. O melhor é aguentar a canseira, e não ir pedir esmola. (Entrevista concedida pela dona Fina, Granja de Pessubé/Bissau, Junho de 2021).

Além de relatos sobre as dificuldades enfrentadas na produção, as mulheres de Granja de Pessubé ainda deparam com grandes dificuldades nos armazenamentos e vendas dos produtos hortícolas. Segundo notícia ANG,<sup>10</sup> a grande dificuldade que essas mulheres enfrentam reside na falta de água para irrigar as suas plantações, que na maioria das vezes obrigam-lhes a abandonar o campo e a falta de segurança com relação aos seus produtos que às vezes são roubados pelas pessoas e muitas das vezes acabam por não serem identificados.

Todavia, este fato não acontece só com trabalhadoras deste campo de Granja, mas também com as que saem do interior para comercializar os produtos hortícolas nos mercados da capital. Como o caso da dona Maria, trabalhadora de campo de Safim, conta que sai às 4h e 5h da manhã em direção ao mercado de caracol, uma das maiores do mercado de capital Bissau, de modo a comercializar seus produtos hortícolas. Porém, as dificuldades encontradas no lugar são enormes. Neste mercado, como nos pequenos mercados onde se faz vendas desses produtos, é comum ver as disputas de lugar entre as próprias vendedoras, pois nem todo mundo consegue um espaço adequado para colocar/comercializar seus produtos.

Este fato acaba provocando conflitos que chegam até a interferência das autoridades máximas para sanar esse problema, principalmente no período de quadra festiva. E esses conflitos não se restringem apenas entre essas mulheres, pois muitas das vezes é comum o envolvimento dos próprios agentes de Câmara Municipal de Bissau que acabam brigando com as mulheres por ocuparem espaços considerados por eles como o não adequado para prática sua de venda, ou por não pagar impostos no valor de 150 xof<sup>11</sup> a 300 xof<sup>12</sup> cobrados diariamente pelo Estado. Ainda existem as terceiras pessoas nestes conflitos, que são consideradas donas do terreno onde as mulheres colocam seus produtos para vender, que também cobram um valor que varia de 150 xof a 500 xof, dependendo do espaço ocupado, e da procura dos produtos.

Fazendo um paralelo aos fatos referenciados anteriormente, também existe o caso das mulheres da sociedade felupes, que exercem um papel de extrema importância no trabalho da

<sup>10</sup> Agência Nacional Guineense.

<sup>11</sup> Valor equivalente a 1,50 reais.

<sup>12</sup> É o símbolo que representa o dinheiro utilizado na República de Guiné-Bissau, e na Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO).

produção de cultura hortícola, principalmente no que refere a uma boa estratégia no combate à insegurança alimentar. No entanto, além de cumprirem uma agenda de trabalho muito pesada, também enfrentam grandes dificuldades desde a produção até a comercialização dos produtos hortícolas. Por conta das dificuldades de meios para acessar o mercado, e muitas das vezes o transporte é realizado a pé com as colheitas sobre a cabeça, percorrendo uma distância muito longa. Essa realidade acontece porque essas trabalhadoras consideram ganhar pouco quando vão vender seus produtos nos mercados locais. Para evitar esse prejuízo, essas trabalhadoras preferem transportar os seus produtos para mercados de Bissau, mesmo que isso lhes custe muitos sacrifícios (BOLONHA, 2013, p.57).

No que refere ao apoio do Estado guineense sobre o assunto, as mulheres afirmam que é quase inexistente o apoio desta entidade. No entanto, algumas ajudas que recebem vêm de algumas ONGs, como o caso de FAO<sup>13</sup>, ONU<sup>14</sup>, PLAM,<sup>15</sup> AIDA<sup>16</sup>, entre outras organizações que lhes apoiam com materiais como: regador, balde, catana, enxada, inseticida para acabar com pragas e algumas sementeiras utilizadas para trabalhos na horta, como conta a dona Adelina,

Às vezes nos ajudam com materiais. O agente de FAO que nos ofereceram antes era agente de agricultura, mas já faz tempo que eles não nos conhecem mais. Quem nos ajudou ultimamente é FAO. Mas não tem mais, se estragar nós que compramos. (Entrevista concedida pela dona Adelina, Granja de Pessubé/Bissau, Junho de 2021).

Além de matérias que são usadas para suas produções hortícolas, também recebem formações de como tratar a terra, usar fertilizantes, e em geral, como cuidar das plantas. Ainda, a maioria é alfabetizada, como diz dona Adelina, “Eles nos dão formações, nos dão tudo. Ensinam-nos muitas coisas, alfabetizam-nos, criaram escola aqui para as pessoas estudarem, as que não tinham oportunidade de estudar, está indo”, embora por motivo de instabilidade política vigente no país, hoje, o projeto de alfabetização dos adultos está suspenso.

Portanto, mesmo que as mulheres horticulturas de granja de Pessubé afirmam em unanimidade que o trabalho da horta é muito pesado por exigir muita força para realizá-lo, e

<sup>13</sup> Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura.

<sup>14</sup> Organização das Nações Unidas.

<sup>15</sup> É um plano de autogestão sem fins lucrativos.

<sup>16</sup> A Associação AIDA/ Guiné-Bissau (AIDA GB) constitui-se no ano 2014 patrocinado pela Associação AIDA, Ayuda, Intercambio y Desarrollo de Espanha, após cinco anos de trabalho contínuo em prol do desenvolvimento da Guiné-Bissau na sua vontade constante de fortalecer a sociedade civil e criar ou reforçar estruturas sociais que sejam agentes locais de desenvolvimento, de luta contra a pobreza, para o pleno desfrute dos direitos humanos e da igualdade de oportunidades entre todos os seres humanos.

várias outras dificuldades enfrentadas, ainda assim, reconhecem a importância que este trabalho tem nas suas vidas e na de suas famílias.

Eu consigo. Eu consigo, porque se não fizer aqui, não vai encontrar em outro lugar. Pois aqui conseguimos o sustento para os meninos (filhos/as), roupas de vestir, pagar escolas... Sim. Aqui resolvemos as nossas necessidades. Guardamos um pouquinho para caso de emergência, se tivermos. (Entrevista concedida pela dona Fina, Granja de Pessubé/Bissau, Junho de 2021).

Cada pessoa tem o seu jeito de como economizar o seu dinheiro. Sim, consigo lucrar. O que sobrar você leva e guardar. No nosso caso, como somos horticultoras, nos pediram para criar conta poupança no banco. (Entrevista concedida pela dona Adelina, Granja de Pessubé/Bissau, Junho de 2021).

Vale salientar que os lucros ganhos pelas mulheres trabalhadoras de setor informal, principalmente as que trabalham com a horticultura servem não só para sustento a família ou educação dos filhos, também elas investem em alguns bens de prestígios que muitas das vezes servem como poupanças, e um deles são “abota (poupança em crédito), pano, pentes, jóias, na construção de casas, na aquisição de terreno, nas compras de carro de aluguel, depósitos em dinheiro” e muitos deles depois podem ser vendidos em caso de emergência. Portanto, todos esses objetos são bens de prestígio e simbólico para apresentar principalmente nas cerimônias fúnebres e toca choro, como realça a autora (DOMINGUES, 2000).

Ainda sobre a poupança em crédito, a autora vai dizer que os principais elementos envolvidos no abota são as pessoas próximas ou que não se conhecem pessoalmente, porém deve ser de muita confiança. Essa atividade de poupança financeira é individual, mas conta com colaboração de uma pessoa mais velha com capacidade de liderança e que é eleita pelos membros para recolha do dinheiro no valor estipulado por grupo. Neste caso, ela carrega a responsabilidade de controlar os membros de grupo de modo que cada um contribui com um valor diário, semanal ou mensal. Portanto, essa associação de crédito mútuo rotativo é feito por um ciclo, ou seja, quando rodar todos os elementos de grupo, começa mais um novo ciclo e pode ser com os mesmos elementos ou novos.

A autora ainda ressalta que, muitas dessas mulheres trabalham, não só para cobrir as despesas que antes eram feitas pelos maridos, mas também, para terem suas próprias autonomias no seio da família. Ela também sublinha que, embora as mulheres passem a desempenhar o papel que era visto como de homem, o de sustentar a família, porém, para manter o respeito aos seus maridos, elas evitam verbalizar isso. Ou seja, isso serve para manter o respeitando e o modelo ideal do homem chefe de família.

As mulheres horticultoras de Granja de Pessubé passam mais tempo nos seus lugares de trabalho como conta algumas destas trabalhadoras. E por ser um trabalho independente, uma vez que não tem feriado, elas se ausentam no caso de doença, e no desgosto familiar. No entanto, também reservam os momentos de lazeres como, comemoração de festa de batismo, almoço em grupo, *toca tchur*,<sup>17</sup> festa de natal e final do ano, e também a comemoração do dia internacional das mulheres (oito de Março).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura é uma atividade desenvolvida em várias sociedades, e constitui um setor de muita importância, visto que contribui para garantir a subsistência de muitas famílias. E a sociedade bissau-guineense não foge desta realidade. Uma vez que as mulheres compõem uma grande parcela no que se refere a este trabalho, em particular a horticultura, INE-GB (2014). Dada à importância desses fatos, a participação das mulheres no trabalho da horticultura na granja de Pessubé é uma questão que merece uma atenção especial.

E as mulheres da etnia mancanha, embora por muito tempo foram consideradas protagonistas da produção hortícola na Guiné-Bissau, como mostra a autora Domingues (2000). Ainda, esta prática se verifica no seio deste povo, e a Granja de Pessubé é um exemplo disso. Portanto, das diferentes etnias existentes neste espaço, o grupo majoritário é a etnia mancanha, como foi relatado pelas trabalhadoras desse campo. E, apesar das dificuldades enfrentadas diariamente nos seus trabalhos como as faltas dos recursos que lhes ajudam a minimizar os esforços físicos no trabalho, no entanto a maioria afirma que esse trabalho é importante nas suas vidas, já que é através dele que conseguem suas rendas.

Portanto, como foi destacado ao longo do texto, as mulheres horticultoras da Granja de Pessubé desempenham um papel preponderante no que tange à garantia de segurança alimentar de muitas famílias guineenses, através de produções diversificadas dos alimentos na capital Bissau e, sobretudo, na garantia de uma boa educação e saúde dos filhos, a terem uma estabilidade econômica e na movimentação de economia do país.

---

<sup>17</sup> Oferenda ao antepassado.

## REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007 (422 p.).
- BENZINHO, Joana. ROSA, Marta. **Guia Turístico: a descoberta da Guiné-Bissau**. Gráfico Ediliber, Coimbra. Dezembro de 2015.
- CRESWELL, John w. **Projeto de pesquisa, métodos, qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DOMINGUES, Maria Manuela Abreu Borges. **Estratégias femininas entre as bideiras de Bissau**. Universidade Nova de Lisboa, FCSH, 2000.
- GOMES, Patrícia. **As mulheres do sector informal. Experiências da Guiné-Bissau**. África. Puentes, conexões e intercâmbios, p. 682-701, 2010.
- INE- Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: [http://www.statguineebissau.com/publicacao/estatisticas\\_basicas.pdf](http://www.statguineebissau.com/publicacao/estatisticas_basicas.pdf) acesso em: 07 de Julho de 2018.
- JAO, Mamadú. **Origem Étnica Migração entre os Mancanha da Guiné-Bissau**. Soronda. Revista de Estudos Guineenses. Bissau, nº 14, p. 03-27, jul.1992. Disponível em: [https://kriol.files.wordpress.com/2010/02/soronda\\_n20-net-1.pdf](https://kriol.files.wordpress.com/2010/02/soronda_n20-net-1.pdf) acesso em: 08 de julho de 2018.
- Jornal o Democrata. **Mulheres hortícolas sentem-se abandonadas pelas autoridades do país**. Disponível em: [file:///c:/users/lenovo/desktop/tcc/mulheres%20hort%20c3%8dcolas%20sentemse%20e2%80%9cabandonadas%20e2%80%9d%20pelas%20autoridades%20do%20pa%20c3%8ds%20\\_%20o%20democrata%20gb.html](file:///c:/users/lenovo/desktop/tcc/mulheres%20hort%20c3%8dcolas%20sentemse%20e2%80%9cabandonadas%20e2%80%9d%20pelas%20autoridades%20do%20pa%20c3%8ds%20_%20o%20democrata%20gb.html) acesso em: 22. out.2018.
- MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M.A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.
- MUTEIA, Hélder. **Segurança Alimentar no Contexto de uma Economia Sustentável**. KA Cad, 2012, p. 10.
- RAMOS, Crystiane Pontes. **"Mulheres rurais atuando no fortalecimento da agricultura familiar local"**. Revista Gênero 15.1. 2014.
- RELATÓRIO NACIONAL SOBRE A APLICAÇÃO/IMPLEMENTAÇÃO DA DECLARAÇÃO E DO PLANO DE ACÇÃO DE BEIJING (1995). Disponível em: Disponível em: [https://www.uneca.org/sites/default/files/uploaded\\_documents/Beijing20/NationalReviews/guinea\\_bissau\\_beijing\\_report\\_0.pdf](https://www.uneca.org/sites/default/files/uploaded_documents/Beijing20/NationalReviews/guinea_bissau_beijing_report_0.pdf).
- SANTOS, Pedro MP et al. **Horticultura no desenvolvimento social no Norte da Guiné Bissau**. I Colóquio Nacional de Horticultura Social e Terapêutica, p. 75, 2017. Disponível

em: <http://www.aphorticultura.pt/uploads/4/8/0/3/48033811/actas-portuguesashorticultura-n27-aph-jul17.pdf#page=81>. Acesso em: 15. Out.2017.

SCHWARZ, Carlos. **AMÍLCAR CABRAL: um agrónomo antes do seu tempo.** 2012. Disponível em [http://casacomum.org/cc/img/destaques/2013/29/a\\_cabral\\_agronomo.pdf](http://casacomum.org/cc/img/destaques/2013/29/a_cabral_agronomo.pdf) Acesso em: 15. Out. 2017.